

Apresentação

Narrativas memoriais e pós-memoriais

“As narrativas da memória tendem atualmente a se diferenciar do discurso histórico ou até mesmo a substituí-lo, ao propor outras abordagens do passado que assumam uma subjetividade própria e uma perspectiva descentrada”. Assim, as organizadoras do dossiê **Narrativas memoriais e pós-memoriais** – Maria da Conceição Coelho Ferreira (Lyon-França); Ilana Heineberg, (Bordeaux-França) e Sandra Assunção (Nanterre-França) –, que é publicado nesta nona edição, vol. 2, de 2020 da *Revista Letras Raras*, propunham acolher as reflexões que foram materializadas aqui nos 10 artigos sobre o tema proposto. Os acontecimentos que marcaram o ano de 2020, por certo, serão registrados em diários pessoais, em documentos históricos e em narrativas literárias como “dever de memória”, no dizer de Ricoeur (2007), pois “[...] as deficiências propostas procedentes do esquecimento, [...] não devem ser tratadas de imediato como formas patológicas, como disfunções, mas como o avesso de sombra da região iluminada da memória” (RICOEUR, 2007, p. 40).

Escrever transmuta-se, por assim dizer, no nosso “dever de memória”, haja vista que pode significar a marca de um momento pessoal ou coletivo, pois como assegura Germanotta (2010): “É preciso um profundo compromisso pessoal para controlar emoções e a confusão intelectual. Escrever se transforma, então, em uma busca interior que mudará a necessidade e o significado da própria escrita (GERMANOTTA, 2010, p. 15)¹. A partir destas percepções, os artigos desta edição passeiam por espaços literários de diversos continentes testemunhados por narradores que trazem à tona experiências, testemunhos, traumas... No dossiê, há também reflexões ancoradas em pensadores e estudiosos contemporâneos que ratificam, por exemplo, que “A constituição do testemunho em gênero literário é o resultado de uma operação normativa que se apoia em uma norma sem fundá-la”². (COQUIO, 2015, p. 182).

Nessa esteira, as autoras Maria da Conceição Coelho Ferreira, da Universidade Lumière Lyon 2, Ilana Heineberg, da Universidade Bordeaux Montaigne, e Sandra Assunção, da Universidade Paris Nanterre, argumentam em uma ótica mais teórica a contribuição de estudiosos que se debruçaram sobre a “memória e a complexa representação do passado” com o objetivo de “discutir o papel da narração e da ficção como mediadoras na interpretação do vivido”. Nessas ponderações do artigo **Pensando as narrativas memoriais e pós-memoriais em tempo de vulnerabilidade**, as autoras destacam como a “transmissão intergeracional de memórias traumáticas oferece ferramentas para a interpretação de obras da chamada geração pós-memorial”.

¹ Il faut un engagement personnel profond pour maîtriser les émotions et l'égarment intellectuel. Écrire se transforme alors en une quête intérieure, qui va changer la nécessité et le sens de l'écriture même. (GERMANOTTA, 2010, p. 15, tradução nossa).

² La constitution du témoignage en genre littéraire est le résultat d'une opération normative qui s'autorise d'une norme sans la fonder. (COQUIO, 2015, p. 182. tradução nossa).

Este primeiro artigo é, pois, esclarecedor no que concerne à ancoragem para os outros nove artigos deste dossiê.

Dentre os demais artigos recebidos para este número 9 da *Revista Letras Raras*, a memória do espaço e da sociedade foram temas que chamaram a atenção de colaboradores. Rayron Lennon Costa Sousa, professor da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e doutorando pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), e Risoleta Viana Freiras, professora da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e doutoranda pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), dedicaram-se à reconstrução literária da cidade de Manaus de Milton Hatoum na crônica *Margens da cidade* (2013). A partir do aporte teórico de Aleida Assmann, Maurice Halbwachs, Yi-Fu Tuan e Gaston Bachelard, o texto **Memória e Espaço Manauenses na crônica Margens Secas da Cidade (2013), de Milton Hatoum** confronta a memória construída na infância com a revisitação desses espaços na vida adulta. A questão do espaço, mas agora centrada em Pernambuco e em Minas Gerais, também é o fio condutor na contribuição de Maria Alice Ribeiro Gabriel, pesquisadora da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). A historiadora mostra, através de relatos de Gilberto Freyre, Jayme Griz e Pedro Nava sobre encontros fantasmagóricos e lugares assombrados, que essas histórias estão muitas vezes ligadas a memórias e experiências traumáticas da escravidão, de migrações e do processo de urbanização, no artigo **A Herança assombrada: Espaço e história como repositórios de memória cultural em Gilberto Freyre, Jayme Griz e Pedro Nava**. José Otávio Monteiro Badaró Santos, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Oton Magno Santana dos Santos, doutor em Educação pela Universidade de Campinas (UNICAMP) e Mateus Santos Souza, especialista em Política e Relações Internacionais pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), também se debruçaram sobre a região nordeste do Brasil, mais precisamente a Bahia de *Cacau*, de Jorge Amado. O artigo **Literatura e representação: uma análise crítica de Cacau, de Jorge Amado** relê o segundo romance do autor a partir do conceito de “representação” proposto por Roger Chartier e Louis Marin, ou seja, considerando a sensibilidade de um grupo de pessoas bem como suas práticas culturais, sempre impregnadas de posições e escolhas.

Alguns autores também se interessaram por obras literárias que lançam um olhar crítico sobre um acontecimento histórico coletivo e traumático. O passado é assim revisitado a partir de perspectivas descentralizadas que colocam em xeque as meta-narrativas. Beatrice Uber, Leila Shaí Del Pozo González e Marina Luísa Rohde, doutorandas da Universidade do Oeste do Paraná (UNIOESTE), demonstram, a partir da análise dos romances históricos *Desmundo* (1996), de Ana Miranda, *A Guerrilheira* (1979), de João Felício dos Santos, e *Xicoténcatl* (1826), de autor anônimo, como personagens femininas importantes para a construção de identidades coletivas na América Latina foram colocados à margem da história. No artigo intitulado **Construção da memória coletiva pela literatura: mulheres na América**, as autoras evidenciam a visibilidade e o protagonismo do ponto de vista feminino e *ex-cêntrico* nas três narrativas memorialísticas que desconstruem imagens de subalternidade contrariando os relatos apresentados pela historiografia oficial. Jéssica Amanda de

Souza Silva, doutoranda da Universidade de Aveiro (Portugal), ao analisar o romance *Beloved* (1987), de Toni Morrison, propõe, por sua vez, uma reflexão sobre a memória traumática da escravidão e a função desempenhada pela literatura testemunhal enquanto narração da dor e de resiliência. O artigo **Trauma, memória e identidade em *Beloved*, de Toni Morrison** ressalta os fatos reais, base do romance, evidenciando o lugar de memória e de fala contra a amnésia histórica imposta a toda uma raça oprimida, ao mesmo tempo que refuta a hierarquização do saber.

Na perspectiva da análise do discurso francesa, a partir de considerações filosófico-políticas de Giorgio Agamben e Walter Benjamin acerca da pobreza de experiência do testemunho, Juliene da Silva Marques, doutoranda pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) e professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), e Diego Airoso da Motta, doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS), tomaram como objeto de pesquisa testemunhos sobre a Ditadura Civil-Militar brasileira e a ressignificação deste período no presente, resultando no artigo **Restos discursivos: considerações acerca do testemunho sobre a Ditadura Civil-Militar Brasileira**. Questões relativas ao silêncio, ao sentido e às condições de produção de algumas sequências discursivas demonstram a necessidade de o analista do discurso recorrer a novos estratagemas a fim de recuperar restos discursivos extra-institucionais, posto que, apesar de registro histórico, os testemunhos são experienciais e, assim, marcados pela subjetividade.

Finalmente, alguns dos colaboradores deste número situam sua própria abordagem teórica na era dos “pós”, sobretudo do pós-memorial e do pós-colonial. Conforme Marianne Hirsch, o prefixo traz, paradoxalmente, um distanciamento crítico e uma inter-relação profunda com o termo principal, indicando uma continuidade problemática. Assim, Lilian Reichert Coelho, professora da graduação e da pós-graduação da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), analisa o compromisso ético assumido pela geração dos filhos da ditadura argentina no romance *O espírito dos meus pais continua a subir na chuva* (2011), de Patricio Pron. Ao abordar a transmissão da memória do trauma, o artigo **Quando os mortos convocam os vivos: a memória como compromisso ético** situa-se numa perspectiva pós-memorial. Esse também é o enfoque de Felipe Cammaert, investigador no âmbito do projeto internacional *Memoirs – Filhos de Império e Pós-memórias Europeias*, European Research Council (Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra), que compara através de romances da segunda geração os contextos coloniais e pós-coloniais de Portugal, da França e da Bélgica. O artigo **Titularidade da experiência e pós-memória nas literaturas pós-coloniais europeias** analisa as diferentes estratégias textuais empregadas para representar a experiência traumática e a sua transmissão, baseando-se no conceito de “titularidade da experiência”, de Margarida Calafate Ribeiro e António Sousa Ribeiro. Este dossiê temático encerra-se com a memória pós-colonial angolana, no artigo **Angola diante do caos: a memória enquanto resgate da tradição angolana em *Parábola do Cágado Velho***. A partir do

romance de Pepetela, Carolina Silva Almeida e Rita de Cássia Oliveira, pesquisadoras da Universidade Federal do Maranhão, consideraram a memória como símbolo de resistência e perpetuação cultural.

Na sequência, os artigos que completam esta edição, os atemáticos são também, de alguma forma, registros testemunhais de pesquisas. No âmbito da literatura, o artigo **A mulher como sujeito subalterno no conto *Liberdade adiada*, de Dina Salústio**, de Ana Carolina da Silveira Costa Santiago e Sebastião Marques Cardoso, ambos da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), discute a partir de um ângulo feminista pós-colonial a referida obra da escritora caboverdiana, problematizando a história da mulher, destacando questões como a subalternidade e a própria condição feminina nessa sociedade, com o propósito de refletir sobre a construção de uma identidade feminina caboverdiana. O leitor se deparará diante dos estudos canadenses com o artigo ***Beyond the money, he would take nothing: A literary analysis of Stephen Leacock's stereotyped characters***³ de autoria de Davi Gonçalves, da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO) e Luciana Rassier, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Nesse artigo, os autores analisam a ironia em dois momentos específicos descritos em *Sunshine sketches of a little town* (1912), de Stephen Leacock e identificam a utilização de estereótipos sociais e o seu papel na referida narrativa. Ainda no campo das literaturas de língua inglesa, distanciamo-nos ainda mais no tempo cronológico e situamo-nos nos estudos medievos, o artigo **Entre o real e a ficção: a história da Inglaterra do século IX pela ótica do medievo e do contemporâneo**, Isabelle Maria Soares e Edson Santos Silva, ambos pesquisadores da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Nesse texto, os autores fazem ponderações concernentes à relação ficção e realidade, com base em documentos históricos medievais: *The Anglo-Saxon Chronicle* e *The Life of King Alfred* e a literatura. Ancorando a narrativa contemporânea na Era Viking, e cujo objeto de estudo é *The Last Kingdom* (2004), de Bernard Cornwell, os documentos históricos dão enfoque aos acontecimentos do século IX. Nesse artigo, será possível identificar o diálogo entre história e ficção, revelando relações de poder entre escandinavos e anglo-saxões e, no tocante à reflexão teórica proposta pelos autores, buscam refletir sobre bases teóricas que tentam contextualizar ficção-histórica enquanto gênero literário.

Percebe-se, portanto, que os três artigos dialogam de modo bastante pertinente com a proposta do dossiê, levando-se em conta que analisam narrativas literárias que revelam testemunhos, registros de histórias, resgates de memória. É, portanto, por essa ótica que lemos os três artigos voltados para os estudos linguísticos desta edição, conforme será possível identificar em suas descrições. Esse registro, sobre o qual temos reiteradamente comentado, é possível ler no artigo do professor do departamento de Línguas Indígenas da Universidade de São Paulo (USP), Eduardo de Almeida Navarro, a partir do artigo **A toponímia indígena artificial no Brasil: uma classificação dos nomes de origem tupi criados nos séculos XIX e XX**. O pesquisador resgata topônimos de origem indígena de mais de quinhentos “anos de existência, atribuídos pelos

³ Trata-se de um artigo submetido em língua inglesa e, por essa razão, esse é o primeiro texto. O segundo, é em língua portuguesa.

próprios índios do passado, talvez até antes do Descobrimento do Brasil, ao lado de nomes indígenas artificiais que têm poucas décadas de existência”. Segundo o autor, as razões para este fenômeno são históricas e relacionadas ao fortalecimento dos nacionalismos políticos do século passado.

Ainda no campo da linguística, Alexandre Antonio Timbane, professor da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB Campus dos Malês, BA) e Ezequiel Pedro José Bernardo, professor do Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED-Cabinda/Angola), partem do prisma de necessárias políticas linguísticas que possam dar suporte a pessoas vulneráveis socialmente, em atendimentos médico-hospitalares na cidade angolana de Malanje. No artigo **Por uma política linguística nos serviços de saúde: um estudo sociolinguístico do hospital regional de Malanje (Angola)**, os autores resgatam documentos oficiais do país para ancorarem as suas discussões, pois identificam ali uma sintomática exclusão linguística, quando as entidades responsáveis deveriam promover essa inclusão, inserindo-se as línguas nacionais e não, unicamente, a portuguesa, a língua do “colonizador”. Trata-se, portanto, de uma imprescindível discussão sobre o resgate linguístico-cultural, ratificando-se os documentos oficiais, tais como a Constituição do país, que preconiza a igualdade entre todos.

No tocante aos documentos oficiais, o artigo **A configuração teórica da produção textual na Base Nacional Comum Curricular: um olhar para a transposição didática**, de Antonio Naéliton do Nascimento e Denise Lino de Araújo, ambos pesquisadores da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), um dos principais documentos parametrizadores do ensino brasileiro é analisado sob o ponto de vista da produção textual. Os autores analisam a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), enfocando a área de Linguagens e a disciplina de Língua Portuguesa, seguindo a via de que “É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta condição e analisar essas condições de produção de documentos-monumentos” (LE GOFF, p. 473, 1990). Os autores, portanto, fazem o estudo da versão voltada para o nível de ensino médio, da BNCC, homologada pelo governo federal em 2018. Uma análise de verbetes é realizada, revelando que o termo “produção textual” apresenta imprecisão conceitual em sua reconfiguração, gerando sobreposição de objetos e ambiguidade de “leitura” do referido documento.

Reafirmamos, então, a importância desses artigos, uma vez que escrevem a história da língua e da literatura e, por esse mesmo ponto de vista, os demais textos de criação literária e entrevista deste número corroboram a discussão aqui colocada. Esse é o caso da entrevista à escritora pioneira da literatura chicana feminina Lucha Corpi. Mexicana, radicada nos Estados Unidos, onde é professora, a autora resgata um pouco de sua história e de seu percurso antes de se tornar a renomada e prestigiosa escritora conhecida atualmente. Assim, a entrevista de Juliana Machado Meanda, pesquisadora da Universidade Federal Fluminense (UFF), intitulada **Literatura chicana – memórias e luta política: entrevista com a escritora Lucha Corpi**, também promove o resgate histórico necessário ao movimento social. O mesmo resgate é possível identificar no poema **A falta do jindungozinho**, do estudante Higor Lima da Silva, da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

O miniconto **Filarmônica**, de Eliseu Raphael Venturi, pesquisador ligado à Universidade Federal do Paraná (UFPR), apresenta uma linguagem imagética, de significativa epifania. Já o soneto **Femicídio**, de Cristóvão Santos Júnior, doutorando pela Universidade Federal da Bahia, traz uma temática atualíssima e de necessária discussão que é a vulnerabilidade da mulher nas diversas sociedades; na mesma linha, o poema **Boneca Maju**, de Élio Ferreira de Souza, professor da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), dá destaque à mulher negra e bela, trazendo à tona uma das principais discussões em pauta, nestes dias em que o mundo vai às ruas lutar pelo fim do racismo.

Chegando ao final desta apresentação, reafirmamos a importância desta partilha de textos acadêmicos, literários e a entrevista em torno de questões memoriais e testemunhais/de testemunho esperando que o leitor seja incentivado a também participar da escrita deste momento em que vivemos.

REFERÊNCIAS CITADAS

- COQUIO, Catherine. *La littérature en suspens : écritures de la shoah – le témoignage est les œuvres*. Paris : L'arachnéen, 2015.
- GERMANOTTA, Maria Angela. *L'écriture de l'inaudible : Les narrations littéraires du génocide au Rwanda*. Interfrancophonies. Mélanges, 2010.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Trad. Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

Prof^a. Dr^a. Maria da Conceição Coelho Ferreira (Universidade de Lyon 2- França)

Prof^a. Dr^a. Ilana Heineberg (Universidade de Bordeaux-França)

Prof^a. Dr^a. Sandra Assunção (Universidade Paris Nanterre- França)

Coordenadoras do dossiê **Narrativas memoriais e pós-memoriais**

Prof^a. Dr^a. Josilene Pinheiro-Mariz (UFCG-Brasil)

Editora-chefe da *Revista Letras Raras/LELLC*